

## Preto e Branco

Numa paisagem de colinas ondulando no horizonte, trinta e quatro mulas de orelhas erguidas avançam no meio do trigo. Os animais puxam uma máquina-pássaro gigante cujas asas estendidas sulcam o trigo de ambos os lados. O monstro é uma nau à qual os camponeses norte-americanos de há quase um século chamavam «Combine». Uma passarela de tábuas erguida ao alto serve de proa ao espantoso navio. No topo da passarela, um homem de leme sentado à sombra de um toldo escuro guia a maré animal com longas rédeas que atravessam a imagem na horizontal. A película a preto e branco foi registada com tripé, no estado do Oregon, pelo cineasta Friedrich Murnau durante as rodagens de *City Girl* filmado para uma produtora de Hollywood. Para a sequência seguinte, nesse mar de trigo e de sol de Setembro de 1927, a câmara de Murnau embarcou -sem tripé desta vez- para capturar a vida no interior do grande navio de rodas, com a floresta de orelhas animais pela proa, a fazer de velas.

## Calor e Azul

Suakin é uma ilha plana em forma de pizza aninhada no fundo de um braço de mar azul cavado no coral do Mar Vermelho. A ilha foi outrora um porto, uma cidade que já estava abandonada quando Maria Luísa Pinheiro Blot, arqueóloga do universo náutico e artista intimista, a visitou num dia de muita febre e pacata lucidez, em pleno Alentejo, anos após ter mergulhado e investigado sítios de naufrágios em mares do mundo, ondas das quais tinha as marcas visíveis no próprio corpo. As sombras espessas das casas de Suakin e a maré de mulas do trigo do Oregon têm um ponto em comum: ambas nos levam a visitar o mundo vasto e discreto que Maria Luísa interrogou durante anos a fio ao longo do litoral português e no fundo do qual ela procurava chaves, públicas ou íntimas, numa pauta ubíqua, rica e ruidosa a qual ela chamava «Porto».

Ou «Função Portuária».

## Películas

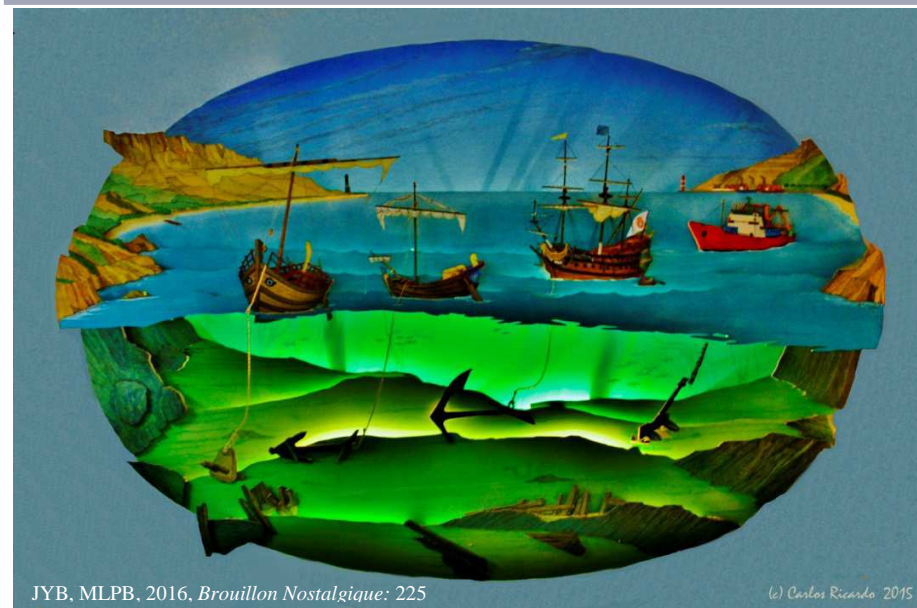
Proposta sob a forma de um «filme» metafórico, a sessão pública desta noite é uma visita à fronteira Terra/Água explorada durante duas décadas pela arqueóloga alentejana, visita nutrida pela sua visão gráfica pessoal, pelo «filme portuário» vivido por ela anos a fio e onde se encontram *pê-le-mê-le*, porões de navios, mulas e ânforas, marés, aterros urbanos, estacaria de madeira, rios traiçoeiros ou escravos libertos de época romana. O Tempo é maestro desta película de paisagens litorais em mais do que quatro dimensões onde mercados longínquos ou carros de bois, almocreves ou sedimentos vadios -areias ou lodo- participam na morte ou no nascer de um espaço portuário até, inclusive, ao coração do Mar de Trigo alentejano onde Maria Luísa cresceu.

Jean-Yves Blot, Santa Rita, 20 IX 2016

# “MAR DE TRIGO”

## Em torno da função portuária

## O Universo e legado de Maria Luísa Blot



**JEAN-YVES BLOT**  
**ALEXANDRE SARRAZOLA**  
**ADOLFO SILVEIRA**

**MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA**  
**22 DE OUTUBRO - 15 HORAS**



REPÚBLICA  
PORTUGUESA  
CULTURA

PATRIMÓNIO  
CULTURAL  
Direção-Geral do Património Cultural



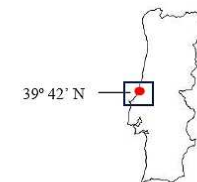
MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA



Regresso ao porto. Maria Luísa ao leme do ketch *Mélusine*. Foto JYB, 1980. Missão de localização e identificação do sítio de naufrágio da fragata francesa *La Méduse* (1816) no banco de Arguim (Mauritânia)  
JYB e MLPB, 2016: *Brouillon Nostalgique*

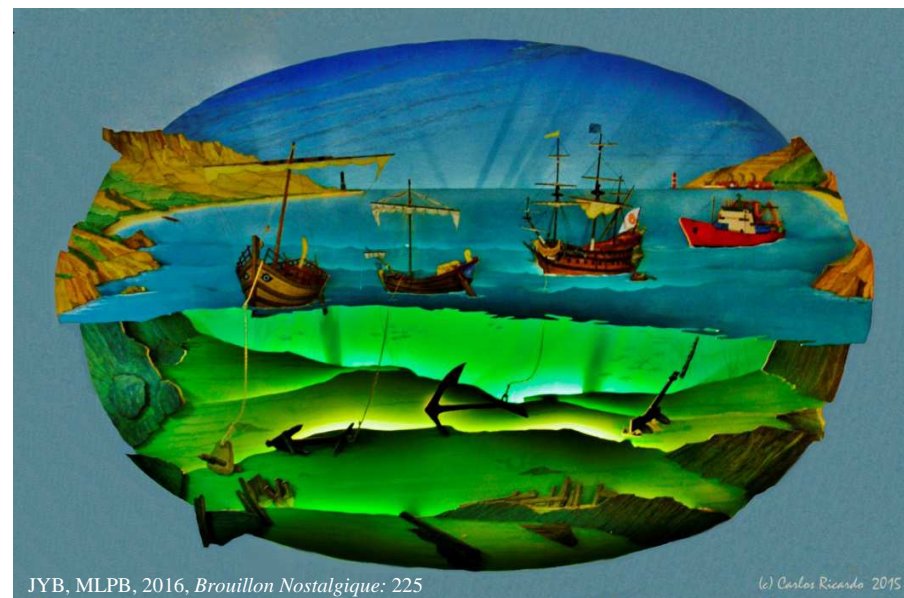


Veleiro de contrabando apresado e fundeado no rio Mandovi, Goa. Foto JYB. Janeiro 1984, missão para o Institute of Nautical Archaeology (Texas) (inquérito sobre a construção da fragata portuguesa *Santo António de Tanna*, Baçaim, 1680).



2001 : le site du port médiéval de Paredes (39° 42' N) disparu par ensablement (dessin M.L. Pinheiro BLOT, Paredes, 31 Mars 2001).

O antigo porto de *Paredes*. Aguarela de Maria Luísa, 31 de Março de 2001



JYB, MLPB, 2016, *Brouillon Nostalgique*: 225

(c) Carlos Ricardo 2015

«ANCORADOURO» Painel de exposição tridimensional 1,35m x 0,90m Materialização de um ancoradouro imaginário com a presença simultânea de embarcações de épocas pré-romanas, romana, pós-medieval e moderna. Objectivo: transmitir a noção de ancoradouro com sítio arqueológico de grande espessura temporal, quer isso dizer lugar de abrigo para navegações de todas as épocas, cenário de gestos humanos relacionados com a navegação. O lugar onde o arqueólogo é confrontado com o que resta dessas navegações: âncoras de diversas épocas, vestígios de navios naufragados, ou vestígios de todo o tipo de objectos de uso quotidiano lançados pela borda fora durante as escalas desses navios» (texto e concepção Maria Luísa Pinheiro Blot, realização André Froidevaux, Nyon. Coleção Centro Português de Actividades Subaquáticas. Foto Carlos Ricardo, agradecimento a Dra. Margarida Farrajota Presidente do CPAS por ter facilitado a realização desta imagem)